

**XXVII CONGRESSO NACIONAL DO
CONPEDI PORTO ALEGRE – RS**

DIREITO E SUSTENTABILIDADE II

ELCIO NACUR REZENDE

LITON LANES PILAU SOBRINHO

VINICIUS FIGUEIREDO CHAVES

Todos os direitos reservados e protegidos. Nenhuma parte deste anal poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados sem prévia autorização dos editores.

Diretoria – CONPEDI

Presidente - Prof. Dr. Orides Mezzaroba - UFSC – Santa Catarina

Vice-presidente **Centro-Oeste** - Prof. Dr. José Querino Tavares Neto - UFG – Goiás

Vice-presidente **Sudeste** - Prof. Dr. César Augusto de Castro Fiuza - UFMG/PUCMG – Minas Gerais

Vice-presidente **Nordeste** - Prof. Dr. Lucas Gonçalves da Silva - UFS – Sergipe

Vice-presidente **Norte** - Prof. Dr. Jean Carlos Dias - Cesupa – Pará

Vice-presidente Sul - Prof. Dr. Leonel Severo Rocha - Unisinos – Rio Grande do Sul

Secretário Executivo - Profa. Dra. Samyra Haydêe Dal Farra Napolini - Unimar/Uninove – São Paulo

Representante Discente – FEPODI

Yuri Nathan da Costa Lannes - Mackenzie – São Paulo

Conselho Fiscal:

Prof. Dr. João Marcelo de Lima Assafim - UCAM – Rio de Janeiro

Prof. Dr. Aires José Rover - UFSC – Santa Catarina

Prof. Dr. Edinilson Donisete Machado - UNIVEM/UENP – São Paulo

Prof. Dr. Marcus Firmino Santiago da Silva - UDF – Distrito Federal (suplente)

Prof. Dr. Ilton Garcia da Costa - UENP – São Paulo (suplente)

Secretarias:

Relações Institucionais

Prof. Dr. Horácio Wanderlei Rodrigues - IMED – Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Valter Moura do Carmo - UNIMAR – Ceará

Prof. Dr. José Barroso Filho - UPIS/ENAJUM – Distrito Federal

Relações Internacionais para o Continente Americano

Prof. Dr. Fernando Antônio de Carvalho Dantas - UFG – Goiás

Prof. Dr. Heron José de Santana Gordilho - UFBA – Bahia

Prof. Dr. Paulo Roberto Barbosa Ramos - UFMA – Maranhão

Relações Internacionais para os demais Continentes

Profa. Dra. Viviane Coêlho de Séllos Knoerr - Unicuritiba – Paraná

Prof. Dr. Rubens Beçak - USP – São Paulo

Profa. Dra. Maria Aurea Baroni Cecato - Unipê/UFPB – Paraíba

Eventos:

Prof. Dr. Jerônimo Siqueira Tybusch UFSM – Rio Grande do Sul

Prof. Dr. José Filomeno de Moraes Filho Unifor – Ceará

Prof. Dr. Antônio Carlos Diniz Murta Fumec – Minas Gerais

Comunicação:

Prof. Dr. Matheus Felipe de Castro UNOESC – Santa Catarina

Prof. Dr. Liton Lanes Pilau Sobrinho - UPF/Univali – Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Caio Augusto Souza Lara - ESDHC – Minas Gerais

Membro Nato – Presidência anterior Prof. Dr. Raymundo Juliano Feitosa - UNICAP – Pernambuco

D597

Direito e sustentabilidade II [Recurso eletrônico on-line] organização CONPEDI/ UNISINOS

Coordenadores: Elcio Nacur Rezende; Liton Lanes Pilau Sobrinho; Vinicius Figueiredo Chaves. – Florianópolis: CONPEDI, 2018.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-85-5505-706-9

Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações

Tema: Tecnologia, Comunicação e Inovação no Direito

1. Direito – Estudo e ensino (Pós-graduação) – Encontros Nacionais. 2. Assistência. 3. Isonomia. XXVII Encontro Nacional do CONPEDI (27 : 2018 : Porto Alegre, Brasil).

CDU: 34



XXVII CONGRESSO NACIONAL DO CONPEDI PORTO ALEGRE – RS

DIREITO E SUSTENTABILIDADE II

Apresentação

Esta publicação reúne os artigos aprovados no Grupo de Trabalho intitulado Direito e Sustentabilidade II, do XXVII Congresso Nacional do Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito - CONPEDI, realizado na cidade de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, no dia 15 de novembro de 2018.

É inenarrável a qualidade dos artigos apresentados por diversos autores dos mais diferentes estados da federação brasileira, fruto de profícuas pesquisas realizadas por Mestrandos, Mestres, Doutorandos e Doutores dos diversos Programas de Pós-graduação em Direito de dezenas instituições de ensino.

Ressalte-se que o referido Grupo de Trabalho contou com a coordenação de três professores doutores de três estados da federação: Liton Lanes Pilau Sobrinho, que leciona na Universidade do Vale do Itajaí e da Universidade de Passo Fundo; Vinicius Figueiredo Chaves, vinculado às Universidades Estácio de Sá, Federal do Rio de Janeiro e Federal Fluminense e; Elcio Nacur Rezende, professor na Escola Superior Dom Helder Câmara e na Faculdade Milton Campos.

Portanto, a coordenação do G.P. e a redação desta apresentação foi incumbência de docentes do Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Minas Gerais que, honrosamente, fazem parte do CONPEDI e buscam no seu cotidiano a socialização do conhecimento, mormente em uma área tão preciosa como a conscientização de vivermos em um meio ambiente ecologicamente equilibrado e sustentável, como preceitua a Constituição da República.

No texto, estimado(a) leitor(a), você encontrará trabalhos que engrandecerão, indubitavelmente, o seu conhecimento sobre o Direito Ambiental em sua mais ampla acepção.

Constata-se, pois, nesta publicação, uma enorme atenção dos pesquisadores em demonstrar que a questão da proteção à natureza, quer sob o prisma do antropocentrismo quer sob o biocentrismo, coadunada harmoniosamente com o desenvolvimento social e econômico, é fator que possibilita vivermos em uma sociedade melhor.

Para muito além de modismo, a Sustentabilidade deve ser compreendida como algo necessário à evolução humana que pretende permanecer vivendo comunitariamente, sob pena das gerações futuras sofrerem significativa perda de qualidade de vida.

Nesse sentido, qualquer inovação jurídica que vise enaltecer a proteção ambiental deve, insofismavelmente, ter como premissa um olhar positivo.

Rogamos, pois, que a leitura desta publicação provoque reflexão e, sobretudo, mudança comportamental, na esperança de vivermos hoje e futuramente em um universo mais digno onde a natureza seja sempre um bem veementemente preservado.

Elcio Nacur Rezende (Escola Superior Dom Helder Câmara e Faculdade Milton Campos)

Liton Lanes Pilau Sobrinho (Universidade do Vale do Itajaí e Universidade de Passo Fundo)

Vinicius Figueiredo Chaves (Universidade Estácio de Sá, Universidade Federal do Rio de Janeiro e Universidade Federal Fluminense)

Nota Técnica: Os artigos que não constam nestes Anais foram selecionados para publicação na Plataforma Index Law Journals, conforme previsto no artigo 8.1 do edital do evento. Equipe Editorial Index Law Journal - publicacao@conpedi.org.br.

**O PODER DAS CORPORAÇÕES TRANSNACIONAIS E A SOCIEDADE GLOBAL
CONTEMPORÂNEA: A NECESSIDADE DE MUDANÇAS DIANTE DA CRISE
PLANETÁRIA**

**THE POWER OF TRANSNATIONAL CORPORATIONS AND CONTEMPORARY
GLOBAL SOCIETY: THE NEED FOR CHANGE IN THE FACE OF THE GLOBAL
CRISIS**

Alessandra Vanessa Teixeira ¹

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar o poder econômico das corporações transnacionais e a possibilidade de tal poder levar à destruição do planeta. Ainda, analisar a globalização e suas consequências na sociedade contemporânea, bem como verificar as causas da crise planetária e as possíveis formas de haver uma mudança para reverter os graves problemas que vem sendo enfrentados pelo planeta e por toda a humanidade. Utiliza-se o método indutivo, sendo acionadas as técnicas do referente, da categoria, dos conceitos operacionais e da pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: Corporações transnacionais, Crise planetária, Globalização, Poder econômico, Sociedade global contemporânea

Abstract/Resumen/Résumé

This article aims to analyze the economic power of transnational corporations and the possibility of such a power to lead to the destruction of the planet. Also, to analyze globalization and its consequences in contemporary society, as well as to verify the causes of the planetary crisis and the possible forms of a change to revert the serious problems that are being faced by the planet and for all humanity. The inductive method is used, using the referent, category, operational concepts and bibliographic research techniques.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Transnational corporations, Planetary crisis, Globalization, Economic power, Contemporary global society

¹ Doutoranda em Ciências Jurídicas pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI)

Introdução

Vive-se a era da globalização, um momento em que o domínio das corporações transnacionais impera, gerando inúmeras consequências para a humanidade e para o planeta. Além disso, a palavra mais utilizada nos dias de hoje é “crise”, pois com a globalização veio também a crise planetária. Por isso, é necessário pensar em formas de mudar esse contexto, bem como em ações que possam de fato gerar tal mudança.

Por estas razões, pretende-se, com este artigo, abordar o poder econômico absoluto das corporações transnacionais, afim de demonstrar que tal caminho pode levar à destruição do planeta. Além disso, a partir desse poder das corporações, analisar algumas consequências geradas pela globalização na sociedade contemporânea. Ademais, diante da crise planetária atual, refletir sobre suas causas e pensar em formas de implantar uma mudança que de fato possa superar os problemas que vem sendo enfrentados.

A metodologia a ser empregada compreende o método indutivo, sendo acionadas as técnicas do referente, da categoria, dos conceitos operacionais e da pesquisa bibliográfica. (PASOLD, 2018)

1 Corporações transnacionais: do poder à destruição do planeta

As corporações transnacionais vivem o seu apogeu, já que o poder econômico mundial gira em torno delas, principal ator no espetáculo proporcionado pela globalização atual. “Interesse” e “negócios” são as palavras-chave dessas poderosas empresas, que dominam a economia mundial e fazem surgir uma sociedade voltada principalmente para o consumo, que tem se tornado irresponsável e insustentável, isso sem falar na degradação do meio ambiente, que se agrava a cada dia.

Esse poder exacerbado concentrado nas corporações transnacionais é apontado por Ulrich Beck, nos seguintes termos:

O aparecimento da globalização permite aos empresários e suas associações a reconquista e o pleno domínio do poder de negociação que havia sido politicamente domesticado pelo Estado do bem-estar social capitalista organizado em bases democráticas. A globalização viabilizou algo que talvez

já fosse latente no capitalismo, mas ainda permanecia oculto no seu estágio de submissão ao Estado democrático do bem-estar, a saber: que pertence às empresas, especialmente àquelas que atuam globalmente, não apenas um papel central na configuração da economia, mas a própria sociedade como um todo - mesmo que seja “apenas” pelo fato de que ela pode privar a sociedade de fontes materiais (capital, impostos, trabalho). (1999, p. 14)

Foi a partir da década de 1970 que o capitalismo alcançou um novo patamar, o chamado “Supercapitalismo”, onde as grandes empresas passaram a ser muito mais competitivas, atuando em âmbito mais global e investindo em inovação. Com toda a transformação ocorrida a partir disso, tanto investidores como consumidores alcançaram grandes conquistas, porém, parte da sociedade engajada nos interesses de bem comum acabaram prejudicadas. Tais mudanças ocorreram principalmente pela necessidade de o governo desenvolver tecnologias para os embates da Guerra Fria. Com isso, incorporaram-se novos produtos e serviços, que fizeram surgir novas oportunidades para a concorrência nas mais diversas áreas, como transportes e comunicações. No entanto, isso acabou provocando rupturas no sistema de produção estável, levando as empresas a trabalharem em ritmo cada vez mais acelerado, competindo de forma muito mais intensa por clientes e investidores. Foi aí que os consumidores e os investidores atingiram o seu poder: os consumidores ampliando-se como grandes varejistas de massa e os investidores por meio dos fundos de pensão e investimento, que cobravam e pressionavam retornos cada vez mais elevados das empresas. (REICH, 2008, p. 5)

Nesse contexto, Habermas refere que:

Sob as condições de uma concorrência global, acirrada nos termos de uma "concorrência pelas posições", as empresas vêem-se mais do que nunca obrigadas a elevar a produtividade do trabalho e a racionalizar a tal ponto o processo de trabalho de um modo geral que, a longo prazo, a tendência tecnológica de dispensa das forças trabalhadoras é ainda mais acelerada. Demissões em massa ressaltam o crescente potencial de ameaça das empresas - sem um lastro local - diante de uma posição em geral enfraquecida dos sindicatos que operam de modo ligado aos locais. Nessa situação - marcada pelo círculo vicioso do desemprego crescente, sistema de segurança social saturado e contribuições se reduzindo, o que esgota a capacidade de financiamento do Estado - medidas de estímulo ao crescimento são cada vez mais impossíveis e tanto mais necessárias. Entrementes nomeadamente as bolsas internacionais assumiram a "avaliação" das políticas econômicas nacionais. Também por isso, políticas de condução da demanda têm regularmente efeitos externos que influenciam de modo contraprodutivo o sistema econômico nacional. (2001, p. 100)

Segundo Ulrich Beck, as “companhias transnacionais têm interesse em “Estados fracos” (1999, p. 171), com isso, há o esfacelamento do Estado-nação, que perde seu espaço e poder para as corporações transnacionais. Em função disso, os países em desenvolvimento cedem sua tributação e flexibilizam direitos trabalhistas para tais empresas afim de atraí-las para seu território.

Verifica-se, então, a existência de uma classe capitalista transnacional, liderada pelas empresas multinacionais, cujas transformações que suscitam na economia mundial referem-se ao fato de que produzem mais de um terço do produto industrial mundial e, além disso, uma percentagem muito mais elevada é transacionado por elas, ficando latente a magnitude de seu poder em âmbito global. (SANTOS, 2002, p. 32)

O poder das transnacionais é tanto, que, segundo Beck:

Causa espanto verificar que ali onde as empresas transnacionais adquirem a oportunidade de dispor postos de trabalho e impostos no tabuleiro do xadrez da sociedade mundial, elas (como vem acontecendo) maximizam seus lucros e provam os Estados voltados para o bem-estar das oportunidades de configuração e de poder (o que não precisa acontecer intencionalmente). Este exemplo é bastante revelador, pois nele podemos entreler todos os traços distintivos das novas tendências de poder e de conflito entre os atores nacionais e sócio-mundiais. Tudo isto é novo e decisivo, mas não porque estas empresas transnacionais crescem em números e dimensão, mas por caber a elas, dentro do contexto da globalização, a tarefa de *jogar os Estados nacionais uns contra os outros*. (1999, p. 122) (grifos do autor)

O poder dessas empresas também está ligado aos meios de comunicação, já que “informação é poder”. Os meios de comunicação mais acessíveis como TV, rádio, jornal e internet são os que mais transferem informações às pessoas, formando, assim, opiniões e hábitos. Dessa forma, quem está na mídia é responsável pela transmissão de informações (ou desinformações) e, portanto, torna-se poderoso. Sobre essa relação de poder com os meio de comunicação, Byung-Chul Han afirma que “como medio de comunicaci3n, el poder se encarga de que la comunicaci3n *fluya* sin interrupci3n en una direcci3n determinada”¹ (2016, p. 19).

O problema enfrentado ultimamente é o modo pelo qual a transmiss3o é feita.

¹ Traduç3o livre: “como meio de comunicaç3o, o poder garante que a comunicaç3o flua sem interrupç3o em uma determinada direç3o”.

Existe abuso por parte das empresas, de jornalistas e dos donos das mídias aos transmitirem informações, pois o fazem de acordo com seus interesses. Isso acaba por gerar inúmeras tensões e consequências negativas, já que:

As grandes corporações – com seu imenso poder – definem a direção dos vetores tecnológicos e a distribuição mundial da produção e os produtos a serem fabricados ou considerados objetos de desejo. Com isso, elas ficam continuamente expostas às consequências negativas que se podem atribuir a esse enorme poder, a saber: responsabilidades na degradação ambiental, efeitos da utilização de transgênicos e produtos químicos na alimentação, desemprego e crescimento da informalidade, propaganda enganosa ou mentirosa. (DUPAS, 2008, p. 73)

Esse poder das corporações transnacionais, apesar de fazer a economia girar, traz inúmeros fatores negativos para o planeta, já que a preocupação em auferir lucros acima de tudo, acaba entrando em conflito com questões ambientais, sociais e humanas. Dessa forma, indaga-se: as corporações vão/podem destruir o planeta?

Nesse sentido, Peter Dauvergne, professor de Relações Internacionais na University of British Columbia, resume bem o problema:

As mesmas empresas transnacionais (ETN) que prometem ser sustentáveis e responsáveis escondem as provas dos prejuízos ambientais causados, negam a mudança climática e financiam *think tanks* anti-ambientalistas. Provocam vazamentos de petróleo, poluem os rios, geram montanhas de lixo plástico e eletrônico. Introduzem novos compostos químicos com pouca compreensão das consequências para a saúde dos ecossistemas e das pessoas. Abastecem-se por meio de longas e complexas cadeias de suprimento que permitem esconder os impactos ambientais, projetam longas sombras ecológicas sobre o mundo, e minimizam os custos laborais e responsabilidades locais. E criam empresas-laranja, evadindo impostos, e comprando políticos. (2018, p. 58)

Hoje, diante da vasta gama de informações que se tem à disposição referente a tudo que ocorre no planeta, não há como alegar desconhecimento dos fatos. O que está acontecendo é, sim, uma catástrofe em câmera lenta, uma tragédia sem limites.

Vandana Shiva aponta que esses acontecimentos acabaram gerando um novo tipo de guerra, onde não há um inimigo claro e tampouco está limitada a um espaço ou tempo, cujas raízes vem de uma economia que não respeita os limites ecológicos nem étnicos, é uma guerra contínua (2007, p. 7). Segundo a autora:

La guerra global de estos tiempos es el próximo paso inevitable para la globalización económica y corporativa: un puñado de corporaciones y de países poderosos buscan controlar los recursos de la Tierra y transformar el planeta en un supermercado donde todo este en venta. Quieren vender nuestra agua, nuestros genes, nuestras células, nuestros órganos, nuestro conocimiento, nuestras culturas y nuestro futuro.² (2007, p. 8)

De acordo com Shiva, essa economia das corporações transnacionais destrói a economia da natureza e a economia das pessoas, o que causa uma crise tanto ecológica quanto econômica, impedindo o crescimento sustentável e equitativo. (2006, p. 81)

Percebe-se, portanto, que o poder das corporações transnacionais vai muito além do desenvolvimento econômico, uma vez que esse poder acaba gerando inúmeras consequências negativas, como já referido anteriormente. Pode-se dizer que, se não houverem mudanças nessa política de mercado, na política dos Estados e também mudanças por parte da atual sociedade global, pode haver sim a destruição do planeta, muito mais cedo do que se imagina.

2 Consequências da globalização na sociedade contemporânea

A humanidade tem caminhado para um estágio em que a governança global é exercida pelas corporações transnacionais, as quais se assemelham a governos no sentido do domínio do poder político, mas que, ao invés de estarem orientadas à sociedade, ao povo, à república, tutelam apenas o Mercado.

Esse domínio das corporações transnacionais é fruto da globalização. Segundo Dupas:

A partir das duas décadas finais do século XX, passou a imperar uma nova lógica global. A intensa aceleração da globalização dos mercados e a abertura dos grandes países da periferia a produtos e capitais internacionais coincidiram com a necessidade das corporações transnacionais de ampliarem seus mercados e sua produção de modo a operar com as maiores escalas e os menores custos possíveis. A manutenção da liderança tecnológica exigia

² Tradução livre: “A guerra global destes tempos é o próximo passo inevitável para a globalização econômica e corporativa: um punhado de corporações e países poderosos procuram controlar os recursos da Terra e transformar o planeta em um supermercado onde tudo está à venda. Eles querem vender nossa água, nossos genes, nossas células, nossos órgãos, nosso conhecimento, nossas culturas e nosso futuro”.

geração de caixa cada vez maior para investimento em tecnologia de ponta. E as tecnologias da informação possibilitavam um fracionamento intenso da lógica de fabricação, em busca de facilidades de produção onde quer que estivessem, fossem elas proximidade dos mercados, mão-de-obra barata, flexibilidade das normas ambientais, economias fiscais ou clusters tecnológicos. O capitalismo global apossou-se por completo dos destinos da tecnologia, orientando-a exclusivamente para a criação de valor econômico. A liderança tecnológica passou basicamente a determinar os padrões gerais de acumulação. As conseqüências dessa autonomização da técnica com relação a valores éticos e normas morais definidos pela sociedade é um dos mais graves problemas com que se há de confrontar este novo século. (2008, p. 72)

No mundo globalizado, com apoio da tecnologia da informação, a produção econômica moderna espalha sua norma, o consumo transforma-se em dever, um verdadeiro instrumento da busca, em curto prazo e a qualquer preço, da felicidade como um fim em si mesma. Bauman já dizia que “mais que qualquer outra sociedade, a de consumidores ergue-se e cai pela felicidade de seus membros. As respostas que eles dão à pergunta “Você é feliz?” podem ser vistas como o derradeiro teste do sucesso e do fracasso da sociedade de consumo” (2011, p. 172).

A globalização trouxe coisas boas e ruins para a sociedade. Entre as boas estão a facilidade na circulação de pessoas, mercadorias, informações etc., onde a tecnologia encurtou muitos caminhos, por exemplo com a internet. Com esse benefício, a população que antes demorava muito para receber informações passou a receber quase instantaneamente, antes para fazer contato interpessoal a longa distância tinha que ser através de cartas e hoje pode ser através de sites de relacionamentos com as mensagens instantâneas e alguns até com áudio vídeo, entre outras melhorias. Dentre as coisas ruins, estão a exclusão social, o crescente aumento da taxa de desemprego, além da desigualdade entre a população que acaba por gerar as disparidades entre as classes sociais, entre muitas outras.

Nesse sentido, Edgar Morin refere que:

[...] a globalização produziu a infratextura de uma sociedade-mundo. Uma sociedade requer um território que comporte intercomunicações permanentes e inumeráveis – foi o que aconteceu no planeta; ela necessita de uma economia própria – é o caso da economia mundializada; mas uma sociedade deve controlar sua economia, e esse controle agora exhibe falhas; faltam, igualmente, as autoridades legítimas, dotadas de poderes de decisão; ausente, também, é a consciência de uma comunidade de destino, indispensável para que essa sociedade se transforme em Terra-Pátria. (2015, p. 21-22)

De acordo com Giddens, “vivemos num mundo de transformações, que afetam quase todos os aspectos do que fazemos. Para o bem ou para o mal, estamos sendo impelidos rumo a uma ordem global que ninguém compreende plenamente mas cujos efeitos se fazem sentir sobre todos nós” (2003, p. 17). Assim, segundo o autor:

A globalização está reestruturando o modo como vivemos, e de uma maneira muito profunda. Ela é conduzida pelo Ocidente, carrega a forte marca do poder político e econômico americano e é extremamente desigual em suas consequências. Mas a globalização não é apenas o domínio do Ocidente sobre os demais; afeta os Estados Unidos tanto quanto outros países. (2003, p. 15)

Portanto, como acima referido, entre as consequências negativas da globalização estão as desigualdades. Sobre isso, Rafael Díaz-Salazar diz que os mecanismos injustos do comércio internacional e a desregulamentação política com que as grandes empresas operam favorecem a concentração da riqueza no mundo e impedem a redistribuição dos lucros das empresas para combater a pobreza sofrida por tantos milhões de seres humanos. Além disso, o autor salienta que muitas dessas corporações transnacionais, com uma estrutura de rede global, escapam dos controles fiscais e, desse modo, seus imensos benefícios não podem ser usados para uma redistribuição de riqueza, pelo contrário, acabam criando uma nova classe de milionários. (2011, p. 23-26)

A globalização cria as condições perfeitas para a ascensão do consumismo, já que, mesmo sem necessidade, o ser humano sente-se tentado pelas milhares de ofertas que se encontram disponíveis facilmente. Sobre este aspecto, Gilles Lipovetsky, em sua obra “O ocidente mundializado”, faz referência ao chamado “planeta consumo”, já que passou-se da era do capitalismo de produção para o capitalismo do hiperconsumo. O autor afirma que

Se é necessário falar de cultura-mundo é também porque se propaga uma cultura sem fronteiras que não é outra do que a do consumo comercial excessivo. Uma cultura de hiperconsumo, sustentada por uma economia pós-fordiana cujos grandes vetores são: a multiplicação de gamas e opções, a hipersegmentação dos mercados, a aceleração do ritmo de lançamento de novos produtos, a proliferação da variedade, a excrescência do *marketing*. Eis uma nova economia de consumo que funciona à *hiper* em todas as coisas: sempre mais gigantesca (hipermercados e centros comerciais), sempre mais rápida (comércio *on line*), sempre mais facilidade de créditos e de endividamentos das famílias (com os resultados calamitosos que se conhecem; a recessão mundial que atravessamos foi desencadeada a partir da crise dos *subprimes*), sempre mais marcas de gama alta, de gastos de luxo e mais

genericamente de objectos, moda, viagens, música, jogos, parques temáticos, mas também de comunicação, imagem, obras de arte, filmes, séries de televisão. (2011, p. 39-40)

Pode-se dizer que esse consumismo exagerado gera grande conforto e comodidade às pessoas, ao mesmo tempo em que mascara a realidade, já que enquanto poucos têm muito, muitos têm pouco. Nesse sentido, Zygmunt Bauman refere que

Como todas as outras sociedades, a sociedade pós-moderna de consumo é uma sociedade estratificada. Mas é possível distinguir um tipo de sociedade de outra pela extensão ao longo da qual ela estratifica seus membros. A extensão ao longo da qual os de “classe alta” e os de “classe baixa” se situam numa sociedade de consumo é o seu grau de mobilidade — sua liberdade de escolher onde estar. Uma diferença entre os da “alta” e os da “baixa” é que aqueles podem deixar estes para trás, mas não o contrário. As cidades contemporâneas são locais de um “apartheid ao avesso”: os que podem ter acesso a isso abandonam a sujeira e pobreza das regiões onde estão presos aqueles que não têm como se mudar. (1999, p. 94)

Logo, a globalização se baseia nos fundamentos do capitalismo comercial, do hiperconsumo, sendo assim, ela não se importa com os meios, mas sim e somente com os fins.

Diante desse capitalismo do hiperconsumo, um dos graves problemas que se enfrenta hoje é a degradação do meio ambiente. Isso porque o homem globalizado preocupa-se primeiro em acumular capital e, para tanto, é normalmente necessária a utilização dos recursos naturais, em outras palavras, a destruição da natureza, do meio ambiente natural.

Para Jesús Vozmediano, o consumismo é uma das características que melhor definem os tempos atuais nos países desenvolvidos, bem como é a causa direta da atual degradação do planeta (2012, p. 79). Nesse sentido, o autor afirma que

De ello podemos deducir que un incremento muy significativo de la población, unido a un aumento muy importante del consumo sólo pueden conducir a una situación límite, precisamente en la que se encuentra el planeta con el cambio climático, compendio de todos los impactos negativos. Fue a partir de la II Guerra Mundial cuando los norteamericanos implantaron la sociedad consumista que nos invade y que nos ha llevado al callejón sin salida en el que nos encontramos en la actualidad.³ (2012, p. 80)

³ Tradução livre: “A partir disso, podemos deduzir que um aumento muito significativo da população, juntamente com um aumento muito significativo do consumo, só pode levar a uma situação limite,

Ressalte-se que as consequências ora expostas, como as desigualdades, o hiperconsumismo e a degradação do planeta, são apenas parte dos efeitos “negativos” da globalização na sociedade contemporânea. Muito há que se falar e discutir acerca do tema, porém o intuito aqui é apenas instigar a reflexão em torno das dificuldades que o planeta vem enfrentando. Sim, a globalização tem seus efeitos positivos, não há dúvidas, no entanto, há que se concentrar no lado negativo e tentar encontrar formas de mudar esse contexto, essa crise que assola o planeta em seus mais diversos aspectos, será possível?

3 A atual crise planetária: é possível mudar de via?

Como visto no tópico anterior, a globalização trouxe com ela um estado de crise para o planeta. Edgar Morin já dizia que “a globalização não faz senão alimentar sua própria crise. Seu dinamismo suscita crises múltiplas e variadas em escala planetária” (2015, p. 24).

Por isso, é necessário pensar em formas para mudar essa situação, bem como em ações que possam de fato gerar essa mudança. Sobre essa ideia de crise, Bauman refere:

Tenho a impressão de que a ideia de “crise” tende hoje a deslocar-se de volta às suas origens médicas. Ela foi cunhada para denotar o momento no qual o futuro do paciente estava na balança, e o médico tinha de decidir que caminho tomar e que tratamento aplicar para levar o doente à convalescência. Falando de crise de qualquer natureza que seja, nós transmitimos em primeiro lugar o sentimento de *incerteza*, de nossa ignorância da direção que as questões estão prestes a tomar, e, secundariamente, do ímpeto de intervir: de *escolher* as medidas certas e *decidir* aplicá-las com presteza. Quando diagnosticamos uma situação de “crítica”, é exatamente isso que queremos dizer, a conjunção de um diagnóstico e um chamado à ação. E permita-me acrescentar que há uma contradição endêmica aqui envolvida: afinal, a admissão do estado de incerteza/ignorância não prognostica exatamente a perspectiva de escolher as

precisamente onde o planeta está com a mudança climática, um compêndio de todos os impactos negativos. Foi a partir da Segunda Guerra Mundial, quando os americanos implantaram a sociedade de consumo que nos invade e que nos levou ao beco sem saída em que nos encontramos hoje.”

“medidas certas” e, assim, fazer as coisas andarem na direção desejada. (2016, p. 16)

Pensando sobre isso, Rafael Díaz-Salazar fala sobre a necessidade de uma política global de justiça global a partir de uma nova cultura civilizatória. Para o autor, a pobreza é o resultado de desigualdade e, portanto, não pode ser superada lutando diretamente contra ela, mas intervindo nos fatores desiguais que a produzem. Ele diz que é preciso reorientar o modelo atual de globalização a partir de uma nova política de civilização e que se tem de aprender que se está diante de algo mais do que uma crise econômica. Ainda, afirma que somente se houver mudança no paradigma cultural, poder-se-á encontrar outro tipo de economia. (2011, p. 40-41)

Compartilhando desse mesmo pensamento, Bauman afirma que:

Uma resposta efetiva à globalização só pode ser global. A sorte de uma resposta global depende de emergência e do assentamento de uma arena política global (distinta de um foro internacional ou inter-Estados). É essa arena que hoje falta do modo mais flagrante. Os atores globais existentes estão individualmente pouco dispostos a montá-la. E seus adversários públicos, treinados na antiga, mas cada vez menos eficiente, arte de diplomacia inter-Estados, demonstram carência da habilidade e dos recursos exigidos. São necessárias novas forças para restabelecer e revigorar um foro global adequado à era da globalização – e elas só podem se afirmar evitando *ambos* os tipos de atores. (2011, p. 82)

Diante desse cenário, Milton Santos propõe uma outra globalização, supondo “uma mudança radical das condições atuais, de modo que a centralidade de todas as ações seja localizada no homem. Sem dúvida, essa desejada mudança apenas ocorrerá no fim do processo, durante o qual reajustamentos sucessivos se imporão” (2009, p. 147).

Com a prevalência do dinheiro em estado puro como motor e último de ações, o homem é considerado elemento residual, assim como o território, Estado-nação, a solidariedade ficam como subsidiários. Por uma outra globalização, traz a primazia do homem no centro das preocupações do mundo, impondo nova ética, nova economia, nova sociedade, novo espaço geográfico, partindo da prática da vida e da existência de todos, em superação e abandono do modelo atual. Uma coisa parece certa: as mudanças a serem introduzidas, no sentido de alcançarmos outra globalização, não virão do centro do sistema, mas do inconformismo gerado nos países subdesenvolvidos, pois a globalização atual não é irreversível. (SANTOS, 2009, p. 147-170)

Nesse sentido, Bauman aponta para a importância de uma humanidade solidária, dizendo que:

As causas da sobrevivência e da justiça, frequentemente em conflito entre si no passado, apontam agora na mesma direção, demandam estratégias semelhantes e tendem a convergir numa só causa; e essa causa unificada não pode ser perseguida (muito menos satisfeita) localmente e por esforços apenas locais. Problemas globais só têm soluções globais. Num planeta globalizado, problemas humanos podem ser enfrentados e resolvidos apenas por uma humanidade solidária. (2011, p. 114)

Segundo Edgar Morin, “a gigantesca crise planetária é a crise da humanidade que não consegue atingir o estado de humanidade” (2015, p. 33). Diante disso, o mesmo autor afirma que “quando um sistema é incapaz de tratar seus problemas vitais, ou ele se degrada, se desintegra, ou se revela capaz de suscitar um metassistema apto a tratar de seus problemas: ele se *metamorfoseia*” (2015, p. 37).

Sobre essa metamorfose, Ulrich Beck explica que:

La metamorfosis implica una transformación mucho más radical, mediante la cual las viejas certezas de la sociedad moderna se desvanecen mientras surge algo completamente nuevo. Para comprender esta metamorfosis del mundo hay que explorar los nuevos comienzos, centrándose en lo que surge de lo viejo e intentando comprender las futuras normas y estructuras que caracterizan la confusión del presente.⁴ (2017, p. 17)

Morin afirma que “para chegar à metamorfose, é necessário mudar de via. Mas, se parece possível desviar de certos caminhos, de corrigir certos males, o que parece impossível seria frear a supremacia técnica-científica-econômica-civilizacional que conduz o planeta ao desastre” (2015, p. 39).

Portanto, para construir uma saída alternativa para a crise, deve-se construir uma grande coalizão internacional, criando espaços de encontro e diálogo para estabelecer um novo elo entre economia, política e culturas. Deve-se enfrentar o desafio de combinar a saída da pobreza e a redução das desigualdades internacionais com outras formas de saber

⁴ Tradução livre: “A metamorfose implica uma transformação muito mais radical, pela qual as antigas certezas da sociedade moderna desaparecem enquanto algo completamente novo surge. Para entender essa metamorfose do mundo, devemos explorar os novos começos, enfocando o que surge do antigo e tentando entender as normas e estruturas futuras que caracterizam a confusão do presente.”

como viver alternativas às dominantes no capitalismo globalizado. A resposta à crise atual envolve a recriação de uma nova sabedoria planetária metaeconômica. (DÍAZ-SALAZAR, 2011, p. 84)

Na verdade, tudo já começou, mas sem que se saiba disso. Estamos ainda na fase das preliminares modestas, invisíveis, marginais, dispersas. Em todos os continentes, em todas as nações, já existem efervescências criativas, uma profusão de iniciativas locais no sentido da regeneração econômica, ou social, ou política, ou cognitiva, ou educacional, ou ética, ou existencial. Mas tudo o que devia ser religado encontra-se disperso, separado, compartimentado. As iniciativas desconhecem a existência umas das outras, nenhuma administração as menciona, nenhum partido toma conhecimento delas. Elas, porém, são o viveiro do futuro. Trata-se de reconhecê-las, de enumerá-las, de examiná-las, de repertoriá-las, a fim de abrir uma pluralidade de vias reformadoras. São essas múltiplas vias que, ao se desenvolverem em conjunto, poderão conjugar-se para formar a nova Via, que, por sua vez, desarticulará a via que seguimos e nos dirigirá rumo à ainda invisível e inconcebível Metamorfose. (MORIN, 2015, p. 41)

O paradigma da sustentabilidade veio para confirmar que essas mudanças estão, sim, ocorrendo, já que verifica-se uma preocupação com o desenvolvimento sustentável e a discussão acerca do tema está cada dia mais em voga. Exemplos importantes em relação a isso são as Agendas resultantes das conferências realizadas pela Organização das Nações Unidas (ONU), a última delas trata-se da Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável.

No ano de 2015, a ONU reuniu países e a população global, com o fim de decidir sobre os novos caminhos em busca de melhores condições de vida para toda a humanidade. Impulsionados pelos Objetivos do Desenvolvimento do Milênio (ODM), as ações tomadas em 2015 resultaram nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Então, as Nações Unidas, tendo como referência os ODM, os quais mostraram que metas funcionam e ajudaram, em parte, a acabar com a pobreza, definiram esses ODS, como parte de uma nova Agenda de Desenvolvimento Sustentável, que tem a pretensão de finalizar o trabalho dos ODM. (ONUBR, 2016)

A Agenda foi lançada durante a Cúpula de Desenvolvimento Sustentável, em setembro de 2015, na sede das Nações Unidas em Nova York, contando com a contribuição dos Estados-membros e da sociedade civil. Esta agenda está ligada ao resultado da Rio+20, realizada em 2012 no Rio de Janeiro, e reflete os novos desafios de desenvolvimento. (ONUBR, 2016)

O documento final da Agenda pós-2015 ficou intitulado como: “Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável” (CÚPULA MUNDIAL DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, 2016). Como o próprio preâmbulo da Agenda refere, trata-se de um plano de ação para as pessoas, para o planeta e para a prosperidade, composto por 17 (dezesete) objetivos de desenvolvimento sustentável e 169 (cento e sessenta e nove) metas, os quais devem estimular a ação para os próximos quinze anos em áreas de importância crucial para o planeta e para a humanidade, buscando concretizar os direitos humanos de todos e equilibrando as três dimensões do desenvolvimento sustentável: a econômica, a social e a ambiental. (ONUBR, 2016)

Portanto, objetivos e novas metas estão sendo lançadas, e o mais importante, em âmbito global. No entanto, não basta se tudo isso ficar somente no papel, ações devem ser realizadas, por todos, para que a real mudança aconteça.

Considerações Finais

Este artigo discorreu sobre o poder das corporações transnacionais, as consequências da globalização na sociedade contemporânea e a crise planetária, questionando uma possível mudança na atual situação em que tudo se encontra.

Com o fim de alcançar o objetivo deste estudo, este se dedicou, inicialmente, a discorrer sobre o poder econômico das corporações transnacionais e a possibilidade das consequências geradas por esse poder, que ultrapassa o desenvolvimento econômico, levar à destruição do planeta. Após isso, foram analisadas algumas consequências geradas pela globalização, que estão afetando diretamente a sociedade contemporânea e que fazem parte da atual crise planetária. Por fim, foram observadas algumas causas relativas à crise e possíveis formas de mudar o contexto dos graves problemas enfrentados atualmente, verificando que o paradigma da sustentabilidade é de fundamental importância para que tal mudança se efetive.

Verificou-se que não se pode negar que as corporações transnacionais são importantes para o desenvolvimento dos países, uma vez que geram postos de trabalho e dinamizam a economia, porém não possuem função social, pelo contrário, vão em busca de privilégios como isenção de impostos e mão de obra barata. Além disso, apesar de

muitas dessas empresas “possuírem” programas de conscientização ambiental, de sustentabilidade, sabe-se que na verdade muitos dos problemas relacionados à degradação ambiental são advindos delas.

Quanto às consequências da globalização, entendeu-se que embora muitas delas tenham trazido efeitos positivos para a sociedade mundial, os efeitos negativos predominam. Por isso, foram analisadas três delas, as desigualdades sociais, o hiperconsumismo e a degradação ambiental, verificando-se que a situação é grave e que devem haver mudanças significativas para que se possa evitar o fim da humanidade e do planeta.

Por fim, diante do poder das corporações transnacionais, ligado às consequências da globalização e da atual crise planetária que vem se enfrentando, foram demonstradas algumas formas de mudança e da importância de um agir solidário, pensando sempre em como melhorar o futuro do planeta e das pessoas, confirmando que a sustentabilidade como paradigma é de fundamental importância.

Referências das fontes citadas

BAUMAN, Zygmunt. **A ética é possível num mundo de consumidores?** Tradução de Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_____. **Globalização: as consequências humanas.** Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BAUMAN, Zygmunt; BORDONI, Carlo. **Estado de crise.** Tradução de Renato Aguiar. 1. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

BECK, Ulrich. **La metamorfosis del mundo.** Traducción de Fernando Borrajo Castanelo. Barcelona: Paidós, 2017.

_____. **O que é globalização? Equívocos do globalismo. Respostas à globalização.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CÚPULA MUNDIAL DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL. **Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável.** Disponível em:

http://www.itamaraty.gov.br/images/ed_desenvsust/Agenda2030completoportugus12fev2016.pdf

DAUVERGNE, Peter. – **Will big business destroy our planet?** – Polity, New York, 2018, 139p. ISBN 13: 978-1-5095-2400-6 – Politybooks.com

DÍAZ-SALAZAR, Rafael. **Desigualdades internacionales !justicia ya!:** hacia un programa mundial de justicia global. Barcelona: Icaria editorial, 2011.

DUPAS, Gilberto. Ética e corporações: tensões entre interesse público e privado. **Organicom**, São Paulo, v. 5, n. 8, p. 68-77, june 2008. ISSN 2238-2593. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/138968>>. Acesso em: 23 July 2018. doi:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-2593.organicom.2008.138968>.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrole:** o que a globalização está fazendo de nós. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges, 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

HABERMAS, Jürgen. **A constelação pós-nacional:** ensaios políticos. Tradução de Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Littera Mundi, 2001.

HAN, Byung-Chul. **Sobre el poder.** Traducción de Alberto Ciria. Barcelona: Herder, 2016.

LIPOVETSKY, Gilles; HERVÉ, Juvin. **O ocidente mundializado:** controvérsias sobre a cultura planetária. Lisboa: Edições 70, 2011.

MORIN, Edgar. **A via para o futuro da humanidade.** Tradução de Edgard de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL (ONUBR). **Agenda 2030.** Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/> Acesso em: 12 de agosto de 2016.

PASOLD, Cesar Luiz. **Metodologia da pesquisa jurídica:** teoria e prática. 14. Ed. Florianópolis: Empório Modara, 2018.

REICH, Robert Bernard. **Supercapitalismo:** como o capitalismo tem transformado os negócios, a democracia e o cotidiano. Tradução Afonso Celso da Cunha Serra. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A globalização e as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 2002.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à conscientização universal**. 18. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2009.

SHIVA, Vandana. **Las Nuevas Guerras de la Globalización**. Semillas, agua y formas de vida. Traducción: Néstor Cabrera. Madrid: Editorial Popular, 2007.

_____. **Manifiesto para una Democracia de la Tierra**. Justicia, sostenibilidad y paz. Traducción: Albino Santos Mosquera. Barcelona: Paidós, 2006.

VOZMEDIANO, Jesús. **El hombre insostenible**. Sevilla: Secretariado de Publicaciones de la Universidad de Sevilla, 2012.